



Biografia e Prosopografia: Investigações de Trajetórias, Valorização das Experiências

Renato Pasti¹

Gilson Brandão Oliveira Junior²

Resumo: O presente artigo discute, através de um viés historiográfico, a escrita da história pelos métodos biográficos e prosopográficos, notando como as várias escolas de pensamento influenciaram essas metodologias e suas implicações no campo de pesquisa. Evidencia-se que a pretensão da verdade e o atributo ficcional sempre estiveram arraigados às complexas definições e inter-relações existentes entre a história e a biografia. Ao propor uma leitura humanista e crítica às usuais noções universalizantes, pretende-se valorizar as subjetividades e experiências como forma alternativa à escrita da história, revelando as singularidades das relações entre o sujeito e seu grupo social. Para tal, o aporte teórico fundamentado Bourdieu, Stone, Burke, Thompson, Agirreazkuenaga rompe com as análises generalizantes e abstratas, abrindo espaços para notar as trajetórias de vidas e suas relações intersubjetivas com o contexto cultural, político, social e econômico.

Palavras-chave: Biografia. Prosopografia. História.

Biography and Prosopography: Investigations of Trajectories, Valuation of Experiences

Abstract: The present article discusses, through a historiographical bias, the writing of history by biographical and prosopographic methods, noting how the different schools of thought influenced these methodologies and their implications in the field of research. It is evident that the pretense of truth and the fictional attribute have always been rooted in the complex definitions and interrelationships between history and biography. In proposing a humanistic and critical reading of the usual universal notions, it is intended the valuation of subjectivities and experiences as an alternative form to the writing of history, revealing the singularities of the relations between the subject and his social group. Bourdieu, Stone, Burke, Thompson, Agirreazkuenaga, breaks with the generalizing and abstract analyzes, opening spaces to note the life trajectories and their intersubjective relations with the cultural, political, social and economic context.

Keywords: Biography. Prosopografía. Story.

¹ Mestrando em Ensino e Relações Étnico Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Especialista em Ciência Política pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Graduado em História Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

² Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul da Bahia. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB).



Biografia e Prosopografia: Um Prelúdio

Mesmo que o conceito tenha sido usado pela primeira vez por Karl Ferdinand Werner no século XVI, os estudos prosopográficos são recentes, se considerarmos a intensidade e o amadurecimento metodológico. As biografias coletivas ou prosopografia têm se destacado recentemente como um dos mais valiosos métodos para a pesquisa historiográfica, sendo caracterizada como investigação dos elementos comuns de um grupo, a partir das histórias de vida de sujeitos que, na pesquisa, se tornam figuras representativas das expressões sociais coletivas. Portanto, corresponde aos estudos de determinados conjuntos de questões como educação, economia, status, religiosidade, família, sexualidade, ou seja, experiências de vida que, como expressão de um grupo social, atravessam as vivências dos sujeitos pesquisados.

Assim como ocorre com a história política, a biografia e as análises prosopográficas passam por um processo de reabilitação desde os anos 1970-1980. Os historiadores do político atribuem este fenômeno à crise das abrangentes explicações marxistas, à liberação da história quantitativa e serial (que outrora havia subjugado a história factual), à renovação dos valores individuais e ao reconhecimento da liberdade de escolha dos sujeitos. Mas, sobretudo, estes historiadores reportam a recente legitimação das análises biográficas à própria volta da história política ao cenário historiográfico (LEVILLAIN, 2010).

Na perspectiva adotada por este trabalho, as biografias e as prosopografias são também instrumentos importantes por relativizar as categorias e as representações consagradas pela historiografia tradicional, ao permitir que sejam colocados em relevo a ação de indivíduos e grupos dissonantes às usuais leituras hegemônicas dos processos históricos.

Além disso, a atual retomada da biografia nas análises históricas desencavou um debate primordial que, em contraste mútuo, remete à sua própria origem:

Os questionamentos sobre as semelhanças e as diferenças entre biografia e história têm suscitado, ao longo de muitos séculos, um papel significativo para a definição e o estabelecimento do que é história e de como ela é entendida enquanto forma de discurso. As semelhanças entre elas derivam de sua preocupação partilhada com a narrativa dos acontecimentos e com a exploração de explicações sobre as ações, motivações e experiências humanas (CAINE, 2010, p. 5).

As relações entre história e biografia se caracterizam, portanto, por distanciamentos e aproximações, trocas e contribuições mútuas. Desde a Grécia clássica e helenística, esses distintos domínios do saber se empenham em ordenar relatos, verificar fontes e produzir discursos, estando imersos em princípios de causalidade e interpretação e de reiteração e dúvidas acerca das mitologias



e genealogias. Partindo desse princípio, Políbio, historiador grego que buscava extirpar a ação divina das suas investigações sobre as questões humanas, é apontado como responsável pela distinção entre a história e a biografia, sobretudo derivado de seu empenho em tornar conhecidos os atos dos grandes homens do passado no presente.

A história e a análise das trajetórias da vida individual foram campos diferentes em autores como Políbio e depois Plutarco. De acordo com este último autor, o herói se distingui em seu papel como um personagem decisivo ou quando ele é subjugado por eventos, é obscurecido ou desaparece no turbilhão de eventos de um mundo hostil onde os vícios e virtudes do personagem, também, resultam em instrumento de identificação e conhecimento. Medos e ambições também fazem parte da evolução histórica (AGIRREAZKUENAGA; URQUIJO, 2007, p. 58).

Sobre isso Levillain aponta que

[...] a História não podia caber inteira numa biografia. História e biografia divergiam aliás para os gregos em seu próprio modo de expressão: narrativo para a História destinada a mostrar a mudança; descritivo para a biografia dedicada a celebrar ou a estudar a natureza do homem (2010, p. 145).

Embora divergentes em relação aos seus objetivos, biografia e história aproximavam-se pelo fato de ambas serem apreendidas como gêneros literários inspirados pela articulação entre o passado e o presente. Entretanto, outra persistente controvérsia se assenta justamente sobre esta aproximação: aquela situada entre a ficção e a (pretensão da) verdade. Por isso é importante demarcar tais engendramentos, já que muitas das suas reminiscências se fazem sentir, indefinidamente, em fases posteriores: a história, pensada como reflexão abrangente acerca de todos os membros da *polis*, converge e almeja uma ‘verdade’ universal; a biografia, alusiva à história de vida e à elaboração de modelos de conduta, acaba por convergir para o particular e o individual. Ao se remeter ao passado, ambos os domínios suscitam debates pertinentes até a atualidade: das relações existentes entre o geral e o específico, entre o público e o privado, entre o social e o individual, entre a micro-história e a macro-história e entre o próprio passado e o presente. Para esta nossa análise é imprescindível reconhecer que a biografia, propriamente dita, é um advento da modernidade, pois:

O uso do termo 'biografia' [...] foi uma das características definidoras da biografia moderna que serviu para diferenciá-la de seus antecessores clássicos e medievais, que tendiam a trabalhar muito mais com tipos estabelecidos e exemplares. [...] O sentido clássico de distinção entre história e biografia era de grande importância e seriedade no mundo clássico e foi aceito, geralmente, até o final do século XVI (CAINE, 2010, p. 5 e 8).

Então, “é hábito nosso distinguir dois gêneros: a biografia e o relato de uma vida. [...] Da Antiguidade ao século XVII, seria a época do registro das vidas, impondo-se depois, quando da ruptura moderna, a biografia” (DOSSE, 2009, p. 12). A partir de então, a distinção helenística foi



abandonada em favor do reconhecimento da biografia como um tipo de história. Jean Bodin, contemporâneo à emergência da sociedade política europeia, escreveu em 1566 o livro “Método para estudar com facilidade a história”, obra designada a prescrever os princípios universais da lei, por meio do estudo crítico da história. Em sua obra Bodin distinguiu a história do indivíduo singular da história coletiva da nação – conceituação que marcaria profundamente as concepções das gerações posteriores.

Desta feita, com a redescoberta (ou reabilitação) da biografia e da autobiografia entre os séculos XVI e XVII, duas vertentes de pensadores se puseram a debater: uma que negava e outra que aceitava a biografia como modalidade da história. É interessante notar que essa discussão é coetânea a outra, concernente à ficção e à verdade no discurso histórico. Trata-se da primeira crise da consciência histórica, como bem definiu Peter Burke:

A época de meados do século XVII foi um momento em que as possibilidades, os limites e os fundamentos do conhecimento histórico se tornaram tema de um debate particularmente vigoroso, especialmente, mas não exclusivamente, na França. A crise de consciência de finais do século XVII [...] incluiu uma crise de consciência histórica. Três filósofos franceses [René Descartes, François La Mothe Le Vayer e Pierre Bayle], em particular, desempenharam um importante papel na articulação deste debate sobre o conhecimento histórico, ou como era conhecido na época, sobre o pirronismo histórico (BURKE, 1998, p. 2).

Demasiadamente céticos, os críticos pirronistas entoavam dois principais argumentos face ao trabalho dos historiadores: um relativo ao enviesamento das suas interpretações, outro sobre a presença de falsificações em suas análises. A respeito do primeiro, argumentavam que os historiadores não poderiam representar as coisas tais como elas eram, mas tão somente mascarar os fatos de acordo com a imagem que desejavam projetar. Acerca do segundo aspecto, os historiadores foram acusados de basear suas pesquisas em documentos forjados ou falsificados.

“Dadas todas essas dúvidas, não é de surpreender que a relação entre a história e a ficção fora analisada com especial interesse neste momento” (BURKE, 1998, p. 6). As causas de tamanha ceticismo poderiam estar associadas às mudanças culturais características daquele contexto: a emergência da imprensa, dos conflitos religiosos e também das literaturas de viagem. Em contrapartida, escritores ficcionistas passaram trabalhar com temáticas bastante próximas às da história, sendo o final do XVII marcado pelo aparecimento dos romances históricos³.

³ O escocês Walter Scott (1771-1832) geralmente é descrito como o inaugurador dessa vertente de trabalhos.



Mas, “como era possível que os historiadores tenham sobrevivido à crise do final do século XVII? Eles precisaram encontrar uma resposta aos céticos ou sair de cena. [...] [Enfim,] encontraram uma série de respostas diferentes, que juntas permitiriam o que tem sido chamado de ‘reabilitação’ da história” (BURKE, 1998, p. 8). Esquivando-se de tais infortúnios, os historiadores da época recorreram a métodos de exaustiva crítica documental, recuperando técnicas como a paleografia, a diplomática e a numismática, com o intuito de restabelecer a confiabilidade nos documentos tradicionais. Além disso, em contraposição à crise relativista do XVII, pensadores como John Locke e Gottfried Leibniz foram imprescindíveis por reabilitar os pressupostos de racionalidade como instrumentos de crítica para produção de conhecimento. Estaria cindida, então, a verdade da ficção, e a história da literatura. No século XIX, momento de emergência da história política e dos paradigmas “positivistas”, os historiadores passaram a ambicionar por um *status* científico à sua prática de pesquisa. Com Leopold Von Ranke, o empirismo factual e sistemático chegava ao seu apogeu, movido pela ambição da “verdade” e o desprezo pela ficção. Em Ranke a compreensão se estendia dos fatos à realidade totalizante metafísica, onde o historiador é visto como artista atribuindo vida à história, através do traço essencial da narrativa.

As escolas do século XX se caracterizaram por suas reações aos pressupostos oitocentistas, embora conservassem muitas das suas causas e dos seus efeitos. Mas, no que diz respeito à biografia e à emergência das análises prosopográficas, pode-se considerar que as primeiras décadas deste século foram profícuas, pois “a prosopografia não teria florescido da maneira como floresceu nos anos 1920 e 1930 se não tivesse ocorrido uma crise na profissão historiográfica, que já era discernível para os jovens mais perceptivos da geração seguinte” (STONE, 2011, p. 119). Os líderes dessa revolução intelectual foram os franceses Marc Bloch e Lucien Febvre, que, por sinal, escreviam biografias. Nessa mesma época, William R. Thayer fez um levantamento das principais facetas do gênero biográfico, desde a antiguidade, passando pelo medievo e pela modernidade, até chegar ao século XIX, em sua obra “*The art of biography*” (1920). A crise epistêmica, que se abateu sobre as ciências e as artes no pós-Primeira Guerra Mundial, abriu caminho para a retomada dos debates sobre a biografia, nutridos pelas cinzas do racionalismo positivista do século anterior. Os debates se intensificam quando:

Em 1923, Jean de Pierrefeu jornalista adido ao Quartel-General durante o primeiro conflito mundial, publicava uma obra polêmica que era parte da confusão dos espíritos suscitada por uma guerra assassina que fora um desafio à razão. Nela ele julgava o papel dos soldados e dos oficiais subalternos mais importantes na guerra que o dos generais e o dos estadistas aos



quais se atribuíam os louros da vitória. Era a defesa do soldado desconhecido contra Jofre, Foch e Clemenceau, e a primeira iniciativa em favor dos “iconnus de l’Histoire” (Lavillain, 2003, p. 157).

Uma década depois, nos Estados Unidos dos anos 1930, influenciada pelos avanços da antropologia e dos estudos culturais, surgiu a Escola de Chicago, caracterizada por um enfoque humanista e qualitativo, que objetivava conhecer a subjetividade individual e grupal por meio da análise de documentos pessoais, tais como autobiografias e correspondências.

Entretanto, outras mudanças foram imprescindíveis para a recuperação da subjetividade e dos testemunhos nas pesquisas historiográficas, sobretudo, a partir dos anos 1960-1970: a emergência da micro-história, da história oral, e da sua aproximação com a etnografia, conferindo um enfoque participativo e de transferência de subjetividades⁴. Nesse contexto as obras *O queijo e os vermes* e *Os Andarilhos do bem*⁵, de Carlo Ginzburg, foram produzidas à guisa das análises indiciárias biográficas, reavivando a sagacidade interpretativa, tão visíveis em obras ficcionais de séculos anteriores como *Zadig* ou o destino de Voltaire e *Shelock Holmes* de Arthur Conan Doyle. Em outras palavras como afirma Ginzburg (1980, p. 6) “isso é de particular interesse para os historiadores, e por vezes, como ele sugere ‘o conhecimento do historiador [...] é direto, baseado em sinais e fragmentos de evidências, interpretativas’”. Finalmente, nos anos 1990, como postulado por Burke, desencadeou-se a segunda crise de consciência histórica:

Hoje, no entanto, estamos vivendo outra crise de consciência histórica. Não é a mesma crise; não há passeios circulares na história intelectual. Se a primeira crise foi ligada ao surgimento da modernidade e da filosofia cartesiana, a segunda está ligada à pós-modernidade e à crítica dos pressupostos cartesianos. [...] Os novos filósofos franceses, nomeadamente Michel Foucault, Jacques Derrida e Jean-François Lyotard, minaram as bases da narrativa histórica contemporânea, assim como Descartes minou as grandes narrativas de historiadores humanistas. [...] Os estudiosos debatem se documentos importantes [...] são genuínos ou falsificados. [...] a fronteira entre história e ficção, abriu-se mais uma vez (BURKE, 1998, p. 11-12).

E é justamente nesse contexto, confluyente à emergência de outras expressões de subjetividade, que a biografia retorna ao centro dos debates historiográficos. Concebida como forma distinta e particular de história, ela visa captar e representar a vida de uma pessoa por meio de um discurso social, espécime de ficção em forma de relato. A unidade de análise por ela trabalhada são a

⁴ “O que inscrevemos (ou tentamos fazê-lo) não é o discurso social bruto ao qual não somos atores, não temos acesso direto a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas àquela pequena parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender” (GEERTZ, 2008, p. 14).

⁵ As referidas obras de Carlo Ginzburg foram produzidas, tomando por análise os autos dos processos do Tribunal do santo Ofício, utilizando o método investigativo indiciário sobre as biografias dos investigados.



própria existência do protagonista e o sentido do seu pensamento, atrelados aos contextos mais amplos e adjacentes às suas vivências.

Complexidades e Possibilidades dos Estudos Prosopográficos

Profundamente ligado ao objeto da pesquisa, mesmo que por vezes de forma não consciente, o pesquisador torna-se o meio termo entre a singularidade dos documentos, biografias e suas interpretações. Nessa dimensão a micro-história e as análises biográficas se cruzam abrindo espaços para formas alternativas de escrita da história, que por vezes voltou-se às expressões genéricas e monolíticas das análises sociais totalizantes. Se as teorias totalizantes tendem ao reducionismo dos modos devida, as análises biográficas e a micro-história propiciando espaços para a complexidade e heterogeneidade das vivências pois, como afirma Rosenthal (2006, p. 195), “contudo, como acontece com frequência, a realidade é mais rica do que podemos apreender em termos puramente científicos”. Assim, as análises biográficas se alocam no campo das interpretações socioantropológicas, onde o vivido ganha sentido à luz da dinâmica do grupo.

Partindo dos aprendizados da antropologia, a etnografia histórica promoveu a imersão dos pesquisadores nos contextos históricos perscrutados, pois, “pode ser que nas particularidades culturais dos povos sejam encontradas algumas das revelações mais instrutivas sobre o que é ser genericamente humano” (GEERTZ, 2008, p. 32). Tal ação permitiu a relativização dos lugares ocupados pelos pesquisadores e pesquisados em sua interação, além do seu trato com categorias universalizantes, já que “embora seja impossível evitar um ponto de vista particular, os historiadores poderiam muito bem colocar mais esforço para a apresentação de pontos de vista diferentes dos seus” (BURKE, p. 20, tradução livre). Essa complexidade se aplica, principalmente, com pesquisas ligadas a história oral e a história de vida, baseadas nas técnicas de entrevista, transcrição, redação e transcrição, métodos que ligam a subjetividade do pesquisador ao pesquisado, o que requer cuidados heurísticos especiais. Os relatos individuais e de grupos exigem, portanto, a adoção de uma perspectiva transdisciplinar e subjetivista. Já autobiografia subentende a sistematização dos dados apresentados no relato, exigindo cuidados por parte do pesquisador diante da ocultação ou deformação de informações, que podem ser motivadas tanto por lapsos de memória como pela disposição (consciente ou não) do depoente em notabilizar as suas próprias ações.

Nessa perspectiva existem, portanto, diferenças no tratamento das informações de acordo com as distintas modalidades, e os critérios de seleção dos informantes se dão em função do tipo de



amostragem e dos objetivos da investigação. Mas o que todas têm em comum é o estímulo e o reconhecimento da produção do discurso biográfico, conferindo liberdade ao sujeito para construir a sua narrativa acerca de diferentes realidades. Os registros cronológicos e temáticos são apresentados e apreendidos a partir da sua própria perspectiva, demandando, então, apreço pela valência das subjetividades.

A partir das análises biográficas e do cruzamento dos seus dados se realiza a prosopografia⁶. Este tipo de análise se dá em função de práticas determinadas, mediante a comparação entre a construção de uma figura ideal e o contexto mais amplo de sua atuação. A partir delas é possível conceber formas concretas a conceitos usualmente abstratos, tais como nações e identidades, permitindo, além disso, a criação de nexos entre a história política, social e cultural. Trata-se de “um gênero que tem por objeto reposicionar as características de um grupo esmiuçando as informações sobre todos os seus membros” (DOSSE, 2009, p. 223).

Assim, as informações sobre os indivíduos são conectadas a processos mais amplos que marcam a sua individualidade (identidade política) diante da sua inserção em amplos círculos de sociabilidade. Marcados por experiências comuns (identidade terminal) e pelo compartilhamento de referenciais cronológicos e etários compatíveis, a apreensão dos círculos de sociabilidade suscitam reflexões sobre o controverso conceito de geração. Tal controvérsia se dá diante da perspectiva de que o conceito de geração tende a tipificações dos sujeitos e grupos em prol da periodização e da alteridade cultural. O método biográfico se divide em categorias diversas, embora os pesquisadores nem sempre lhes ofereçam definições precisas. Para Joan Pujadas:

[...] os termos mais frequentemente utilizados neste campo são biografia, autobiografia, história de vida [incluindo as de relato único e as de relato múltiplo, as de relatos cruzados e de relatos paralelos], história pessoal, narração biográfica, relato biográfico, fonte oral e documentos pessoais (PUJADAS, 2000, p. 135).

Phillippe Levillain (2010) distingue este gênero em histórias de vida – análises das virtudes dos sujeitos em uma perspectiva cronológica – e o perfil biográfico – apreciação destinada a mostrar as relações entre as circunstâncias e as suas personalidades. Para Ernest Engelberg e Hans Schleier, as biografias dividem-se em dez tipos principais:

1. Forma abreviada de notas lexicográficas e necrológicas;
2. Coleções absolutas de fatos, como as chamadas “vida e obra”;

⁶ Etimologicamente derivado do vocábulo grego *prosopon*, este termo tem origem idêntica à das palavras ‘máscara’, ‘personagem’ ou ‘pessoa’.



3. Escritos crítico e científicos que também pretendam caracterizar a expansão plena da personalidade do personagem histórico;
4. Ensaio biográfico ou introduções de coletâneas de escritos, cobrindo apenas partes da sua personalidade;
5. Autobiografias;
6. Biografias como “compreensão” [*verstehen*] dos vencedores, a vida espiritual como visão imaginária;
7. As obras históricas de *belas-letras*;
8. Biografias psicanalíticas;
9. Prosopografias;
10. História oral (ENGELBERG; SCHLEIER, 1992, p. 1105).

Além dessas formas, as biografias podem ser quantitativas e seriais, ou qualitativas e microbiográficas, a depender do seu contexto e da perspectiva adotada pela pesquisa. Independentemente das tipologias, é importante ressaltar que o gênero biográfico está atrelado às subjetividades dos sujeitos e aos processos de memória (individual e coletiva) em histórias particulares (gênero, classe, país etc.). Conseqüentemente, o sintoma biográfico permite examinar a história vista de baixo⁷, segundo a perspectiva dos seus atores. Assim, outra história política é possível, desde que as suas subjetividades sejam valorizadas como indicadores de problemas distintos que, por sua vez, possibilitem problematizar os fundamentos do universalismo europeu – sobretudo, a reiterada antinomia entre “um nós” e os outros.

O sintoma biográfico – associado à pluralidade das informações suscitadas e às novas perspectivas com que estas são examinadas – pressupõe também uma nova compreensão do poder, ao romper a dimensão elitista atrelada à conservação dos materiais de memória (fontes). A tradição do grande homem branco se vê, agora, imersa e subjacente às histórias subalternas. A manifestação de outros “eus” nas fontes orais, nas narrativas (auto)biográficas e literárias etc. corroboram para a percepção de um contexto renovado, permeado de complexidades e incertezas. As tomadas de decisão, outrora apreendidas exclusivamente no interior das esferas de poder (ou nas instituições, em seu sentido tradicional), relativizam-se diante da emergência de novas situações e representações (mas também perante as suas desconstruções).

O debate entre o humanismo metodológico e o universalismo também resulta da hodierna crise de consciência histórica. A ilusão de progresso, a unidirecionalidade das interpretações dos processos históricos e as categorias e metodologias são hoje postas em questão, em favor de outra forma da escrita da história. Vivemos em uma fase de transição, de uma cultura científica, baseada

⁷ Conceito utilizado por E. P. Thompson, tendo em vista a análise das narrativas de indivíduos e grupos marginalizados e que, por vezes, não possuem o domínio da escrita.



em verdades absolutas, para uma cultura de investigação caracterizada pela contingência e pela provisoriedade do conhecimento. Trata-se de uma era de incertezas, na qual o conhecimento é concebido e apreendido como invenção particular dos sujeitos no presente, realizada a partir das representações que eles têm do passado. Ao estarem situadas em um determinado contexto social, as construções produzidas por estes sujeitos também são seu componente constitutivo, empírica e logicamente. Esses debates também incidem nos dilemas concernentes ao objetivismo e ao subjetivismo, sobretudo quando se coloca a questão do ordenamento das trajetórias individuais e grupais. Nesse sentido, a crítica de Pierre Bourdieu é contundente:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixa de reforçar. [...] Não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço de possibilidades (BOURDIEU, 1996, p. 185 e 190).

Bourdieu (1996) alerta que as descontinuidades das vivências dos sujeitos-atores, eventualmente ausentes nas (auto)biografias, são fundamentais para preterir a noção de trajetória, pois, segundo a sua percepção, são os biógrafos e os biografados quem dão sentido às histórias de vida. Em detrimento às intermitências que lhe caracterizam, a linearidade das narrativas aduziria um teor teleológico a esse tipo de construção discursiva. Assim, o objetivismo, atrelado à noção de trajetória biográfica, se mostraria ilusório, pois, projeta-se e cria sentidos, subjetivamente, diante das interpretações. Em seus termos, a análise crítica dos processos sociais “conduz à construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo um grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 1996, p. 189). Nesse sentido, a memória se voltaria ao relato para conferir sentido aos fatos selecionados.

Entretanto, ao discordar de Bourdieu, Giovanni Levi (1989, p. 1326) argumenta que a biografia é um fator recorrente, permeado de oscilações, as quais se relacionam intimamente às crises de definições racionais, sobretudo nos momentos em que se aprofundam os antagonismos entre os indivíduos e os contextos mais amplos nos quais eles estão inseridos.

Pautado pela valorização de subjetividades distintas, o método biográfico proporciona a ampliação dos pontos de vista e das perspectivas, seja acerca de um mesmo objeto de estudo, ou sobre



um determinado contexto histórico, rompendo com as usuais leituras lineares capitaneadas por categorias abrangentes. Nesse sentido, trata-se de um meio adequado para investigações que partam do particular para o geral (além das suas interações), tendendo romper com o objetivismo reclamado por esta crítica de Bourdieu.

A compreensão de uma trajetória pessoal, que é o foco no qual Bourdieu concentra sua crítica, só seria possível se levássemos em conta essa matriz de relações objetivas, ou seja, as relações da biografia do sujeito como o conjunto dos demias “sujeitos conectados ao mesmo campo e enfrentado as mesmas possibilidades”. Isto é, o que está sendo reivindicado é a contrastar e contextualizar a narrativa biográfica: uma reconstrução dos fatos que são interpretados pelo sujeito. Essa reivindicação de objetivismo, [...], no entanto, tem uma resposta contundente dentro das práticas do método biográfico (PUJADAS, 2000, p. 152).

É importante salientar, portanto, que o detalhe, o particular e o inusitado também se relacionam e, por isso mesmo, podem explicar o mais abrangente: as análises das ações individuais e grupais concorrem para elucidar questões relativas aos contextos mais amplos onde elas ocorrem, sendo então possível revelar regularidades, indicar diversidades, e apreender a realidade dos problemas sociais através daquilo que há de concreto em uma vida. “A questão, que não é simples, concerne às relações entre o indivíduo e a História, e tudo depende se raciocinarmos em termos de condições do aparecimento do protagonista ou dos efeitos de sua ação sobre uma realidade social” (LEVILLAIN, 2010, p. 160). No entanto, diante da corrente “crise de consciência histórica”, atribuir o adjetivo “ilusório” à biografia equivale reiterar-lhe um *status* literário-ficcional, enquanto se reclama para a história um estatuto de “verdade”⁸ Contudo:

[...] hoje já se compreende bem que a História é um fazer levado a cabo pelo próprio historiador e, portanto, até certo ponto depende da ficção. Diga-se o mesmo do biógrafo, o qual ficcionaliza seu objeto e torna-o, por isso mesmo, inalcançável, apesar do efeito do vivido que com isto obtém (DOSSE, 2009, p. 71).

As querelas entre objetividade e subjetividade remontam aos questionamentos matriciais da história como campo de conhecimento. A tentativa de fixar limites entre a “ficção” e o “real”, fortalecendo o desejo de aproximação entre a historiografia e o cientificismo das ciências “naturais”, acirrou o sectarismo sobre as possibilidades de interpretação das fontes e a escrita da história. Viabilizando fôlego novo à escrita da história, a biografia se desdobra em universos complexos, que alinham a materialização das formas de organização social às considerações subjetivas. Ginzburg, citando Donna Haraway (2002), compreende que:

⁸ “O debate na realidade é sobre a ficção. Dizer que a biografia é um gênero [...] equivale afirmar que ela resulta de um processo criativo no sentido em que ele é compreendido na Literatura” (LEVILLAIN, 2010, p. 154).



[...] devemos partir de um conhecimento parcial, localizado (*situated*), para construir uma ‘ideia utilizável, mas não inocente, da subjetividade’: não inocente porque consciente da existência de ‘uma argumentação construtivista muito forte referente a *todas* as formas de conhecimento, em primeiro lugar as científicas’, segundo as quais, no âmbito do discurso científico, ‘tanto a proposição como os fatos fazem parte de uma poderosa arte retórica’ (HARAWAY, 2002, p. 39).

A (re)descoberta da instância testemunhal, do ponto de vista e da perspectiva intransferível do sujeito, são atributos do método biográfico que tendem a questionar, ou ao menos problematizar, muitos dos fundamentos epistemológicos vigentes – ou algumas das suas reminiscências que se mantém na atualidade.

Um problema relevante diz respeito à inserção e às relações mantidas entre os indivíduos e os grupos nos contextos mais amplos de suas vivências. Partindo de um prisma antropológico, compreende-se que a construção e as relações preservadas com as instituições⁹ revelam-se de maneira complexa e dialógica. Nesse sentido, de acordo com Geertz, em “A interpretação das culturas” as ações dos indivíduos ganham significado se notadas em seu contexto cultural, onde se realizam quanto aceção das interações dialógicas. As relações de interpenetração, entre o sujeito e seu meio, conduzem, sobretudo, as formas narrativas na construção biográfica, estabelecido pela produção de significado.

Ainda sobre as relações intersubjetivas do indivíduo com seu contexto cultural, Mary Douglas (2007, p. 130) assevera que o comportamento dos sujeitos é respaldado pelas instituições que eles próprios criam, e que estas, por sua vez, embutem valores que repercutem em sua tomada de decisão: “por bem ou por mal, os indivíduos compartilham seus pensamentos e eles, até certo ponto, harmonizam suas preferências. Eles não têm outros meios de tomar as grandes decisões a não ser na esfera das instituições que eles constroem”. Entretanto, as ações individuais não podem ser interpretadas como domínios restritos ao universo das instituições, pois estas são, por sua vez, compostas e criadas pelos próprios atores sociais em um determinado tempo e espaço. Portanto:

[...] não há como negar que o costume de uma época, um *habitus* resultante de experiências comuns e reiteradas, como em todas as épocas, tem muito do estilo próprio de um grupo. Mas há também, para cada indivíduo, um espaço significativo de liberdade que encontra a sua origem em inconsistências, precisamente, nas fronteiras que dão origem à mutabilidade social. Não podemos, portanto, aplicar os mesmos procedimentos cognitivos para grupos e indivíduos; e a especificidade das ações de cada indivíduo não pode ser considerada indiferente ou privada de pertinência. [...] Eu imagino que, nesta perspectiva, a biografia pode permitir uma análise mais aprofundada destes problemas (LEVI, 1989, p. 1335).

⁹ Por instituições entendemos também as normas de conduta.



É nesse sentido que toda biografia necessita de uma ampla contextualização, os protagonistas produzem nas dinâmicas da sua existência, documentos que estão inseridos e dizem respeito às realidades onde eles atuam (ou atuaram). A ambição sobre a subjetividade e o aparato crítico do método biográfico se destinam a descobrir potenciais imposturas que, embasadas por tais documentos, servirão para combater as generalizações excessivas em favor de uma visão mais plural e multifacetada, menos linear e preconcebida. O seu intuito é descobrir, a partir de quadros empíricos variados, as experiências dos sujeitos, e uni-las a uma estrutura interpretativa mais ampla. Levillain (2010, p. 176) aponta que a biografia histórica torna-se um meio promissor para “mostrar as ligações entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova da vida”. Com efeito, tal investigação não pode ser realizada sem a valorização das experiências.

Hannah Arendt, referência de primeira importância recuperada pelos historiadores do político¹⁰, já preconizava a ênfase na experiência dos sujeitos como fundamento da pesquisa histórica, atribuindo-lhe um papel pragmático para interpretar a sua orientação no passado que, por sua vez, subsidia as suas possíveis relações com o presente: “meu pressuposto é que o próprio pensamento emerge de incidentes de experiência viva e a eles deve permanecer ligado, já que são os únicos marcos por onde pode obter orientação” (2013, p. 41). Embora ausente do arcabouço teórico dos historiadores do político – talvez, por seu viés assumidamente marxista, E. P. Thompson (1981) também segue nesta mesma direção

O que descobrimos está num termo que falta: ‘experiência humana’. Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentaram suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 1981, p. 183).

O que está em questão aqui são as complexas relações existentes entre a concepção e a ação, entre a construção do pensamento e as escolhas operadas pelos sujeitos em um determinado contexto histórico¹¹. Se analisada no interior das multifacetadas dinâmicas dos processos históricos, a

¹⁰ Partindo da renovação do pensamento político operada entre as décadas de 1950 e 1970, de Hannah Arendt a Claude Lefort, a história do político deve “tentar reviver a sucessão de presentes, assumindo-os como experiências que informam as nossas. [...] O objeto desta história, em outras palavras, é o de seguir o fio das experiências e das tentativas, dos conflitos e das controvérsias, através dos quais a *polis* tentou encontrar sua forma legítima” (ROSANVALLON, 2010, p. 76).

¹¹ Esta reflexão se alicerça na seguinte asserção de Hannah Arendt (2013, p. 35): “Caso fosse preciso escrever a história intelectual de nosso século [...] como a biografia de uma única pessoa, [...] veríamos a mente dessa pessoa obrigada a dar



construção do pensamento de um indivíduo dialoga e conflita, mas também se nutre e opõem-se aos paradigmas dominantes de sua época. As suas ações e, principalmente, as suas imposturas, podem por isso mesmo representar o questionamento das usuais categorias estanques, homogeneizantes e estabilizadoras dos conceitos consagrados pela historiografia tradicional, realçando outros posicionamentos, fazendo ouvir outras vozes (dissonantes ou não) que repercutem a pluralidade dos pensamentos de um mesmo período. As possíveis (re)apropriações das suas ideias em conjunturas distintas operam da mesma forma e, assim, as suas análises devem ser ponderadas quanto às características atinentes às especificidades dos seus contextos.

A análise da edificação das ideias, dos pensamentos e das escolhas levadas a cabo pelos sujeitos levanta um problema relativo aos enlaces e desenlaces entre eles e as próprias concepções acerca do mundo em que vivem (ou viveram). Por isso:

[...] o diálogo entre a consciência e o ser torna-se cada vez mais complexo – inclusive atinge imediatamente uma ordem diferente de complexidade, que apresenta uma ordem diferente de problemas epistemológicos – quando a consciência crítica está atuando sobre uma matéria-prima feita de seu próprio material: artefatos intelectuais, relações sociais, o fato histórico (THOMPSON, 1981, p 27).

Não obstante, o mundo muda e também os sujeitos que o habita: as histórias de vidas são compostas por transformações, inconstâncias, instabilidades e mutabilidades. As intercorrências características das relações pessoais se impõem às trajetórias dos sujeitos, e a sua análise cuidadosa nos permite compreender diversas sutilezas que outrora seriam desprezadas pelos investigadores. Diante da investigação das trajetórias, a valorização das experiências dos sujeitos é, portanto, imprescindível para que outras perspectivas sejam vislumbradas.

A própria crise de consciência histórica vigente reclama pela necessidade de repensar as estratégias de investigação tradicionais. Diante das razões expostas até então, o método biográfico enuncia-se com potencial exequibilidade, uma vez que:

[...] a biografia tem vindo a ocupar um lugar cada vez mais central neste campo, bem como oferece meios para lançar nova luz sobre uma gama de diferentes períodos e problemas históricos, além de trazer pessoas e grupos que haviam sido anteriormente ignorados no quadro da análise histórica (CAINE, 2010, p. 1).

Além disso, quando examinadas comparativamente e em conjunto, como no caso das análises prosopográficas, as trajetórias dos sujeitos colaboram para uma compreensão mais ampla de realidades diversas, componentes de uma determinada cultura política “o estudo da cultura política,

uma reviravolta não uma, mas duas vezes: primeiro, ao escapar do pensamento para a ação, e a seguir, quando a ação, ou antes, o ter agido, forçou-a de volta ao pensamento”.



ao mesmo tempo resultante de uma série de experiências vividas e elemento determinante da ação futura, retiram a sua legitimidade para a história da dupla função que reveste” (BERSTEIN, 1998, p. 360).

Considerações Finais

Mas nos resta questionar algo importante: de quem seria a perspectiva mais relevante, ou quais seriam os protagonistas elencados para uma melhor e mais expressiva apreensão do passado? Tais escolhas variam e dependem dos objetivos de cada pesquisa. Na perspectiva adotada por este artigo, as interpretações de mundo e o processo de construção do pensamento dos sujeitos são imprescindíveis, dado o papel que cumprem nas sociedades em que vivem (ou viveram). Mediante a análise das suas trajetórias e, principalmente, das suas imposturas, é possível verificar pontos de vista dissonantes e alternativos às leituras hegemônicas, passíveis de nos guiar às complexidades características dos contextos em que atuaram. Além disso, tais elementos podem ajudar a problematizar muitas das categorias hegemônicas usuais. E, finalmente, a análise da profusão dos seus pensamentos, escolhas e reações poderão servir de ponto de partida para a investigação de suas relações sociais, que conjuntamente à observação da sua relação com os demais atores de sua época, tem o poder de desnudar o *habitus* do(s) seu(s) tempo(s).

Referências

- AGIRREAZKUENAGA, Joseba. La Historia desde los actores: biografía, prosopografía y diccionarios biográficos. **Ciclo de Palestras**. Tópico Especial. 2014/2. Universidade de Brasília. 19 a 21 de novembro de 2014.
- AGIRREAZKUENAGA, Joseba. **La prosopografía, uma historia desde los actores**. Departamento de Historia Contemporánea de la Facultad de Ciencias Sociales y de la Comunicación (UPV/EHU). Mimeo, 2012.
- AGIRREAZKUENAGA, Joseba; URQUIJO, Mikel. Desafíos de la biografía en la historia contemporánea. **Cercles**, n. 10, p. 57-81, 2007.
- ARENDT, Hannah. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7 ed. Série Debates, n. 64. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.
- BERSTEIN, Serge. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.



- BURKE, Peter. Two crises of historical consciousness. **Storia della Storiografia**, n. 33, p. 3-16, 1998.
- CAINE, Barbara. **Biography and history**. London: Palgrave Macmillan, 2010.
- DAVIN, Anna; GINZBURG, Carlo. Morelli, Freud and Sherlock Holmes: Clues and Scientific Method. *Englad: Oxford Journals, History Workshop*, n. 09, pp. 5-36, 1980.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- ENGELBERG, Ernst; SCHLEIER, Hans. The contribution made by historical biographies of the 19th and 20th century towards deeping historical biography. In: **XVII Congreso Internacional de Ciencias Historicas**. II. Sección Cronológica. Metodología. La biografía histórica. Madrid: Comité International des Sciences Historiques, 1992.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2008.
- GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica e prova**. São Paulo: Comaphnia das Letas, 2002.
- LEVI, Giovanni. Les usages de la biographie. **Annales: Économies, Sociétés, Civilisations**, n. 6, p. 1325-1336, 1989.
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas da biografia. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- PUJADAS, Joan J. El método biográfico y los géneros de la memoria. **Revista de Antropología Social**, n. 9, p. 127-158, 2000.
- ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010.
- ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a gestalt das autobiografias e suas consequências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta M; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- STONE, Lawrence. Prosopografia. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.
- THAYER, Willian Roscoe. **The art of biography**. Virginia: University of Virginia Press; Barbour Foundation, 1920.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria (ou um planetário de erros): uma crítica ao pensamento de Althuser**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010.